

# Mulheres, imagens e o Essure: uma reflexão etnográfica sobre direitos reprodutivos<sup>1</sup>

Caroline Silveira Sarmiento (UFRGS/Brasil)

Palavras-chave: direitos reprodutivos; ativismo; Essure.

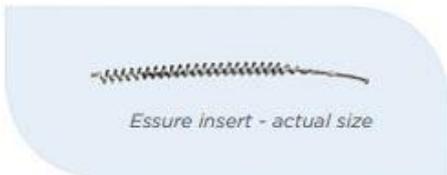
## ABERTURA

Minha pesquisa de doutorado se debruça sobre as formas de gestão dos corpos de mulheres no que diz respeito à reprodução. Farei uma contextualização mais precisa na sequência, até para explicar como cheguei no tema que abordarei neste artigo: o Essure enquanto um problema de saúde. Sua conceituação é definida como um “artefato biomédico composto por molas de aço inoxidável, revestidas por capa de níquel-titânio com polietileno (PET), medindo aproximadamente 4 centímetros e com espessura de um fio de cabelo” (BRANDÃO; PIMENTEL, 2020, p. 4) que é inserido nas trompas de falópio, via canal vaginal. No presente texto, pretendo narrar as controvérsias em torno deste dispositivo de contracepção permanente como (mais) um componente dos métodos anticoncepcionais disponíveis para brasileiras, especialmente no SUS.

Your Complete Guide: The Essure Procedure

### WHAT IS ESSURE® (ESSURE)?

Essure is a permanent birth control procedure that works with your body to create a natural barrier against pregnancy. The Essure procedure involves placing soft, flexible inserts into your fallopian tubes. Over a period of about three months, tissue forms around the inserts. The build-up of tissue creates a barrier that keeps sperm from reaching the eggs and prevents conception.



Essure insert - actual size

Imagem 1: da cartilha do Essure

Disponível em: [https://labeling.bayerhealthcare.com/html/products/pi/essure\\_pib\\_en.pdf](https://labeling.bayerhealthcare.com/html/products/pi/essure_pib_en.pdf)

Nesse sentido, experimento aqui trazer imagens que ajudam a compor o quadro do Essure enquanto um problema de saúde para as mulheres que tiveram reações adversas a ele, muitas delas (as imagens) funcionam como “prova” dos males apontados por elas (as mulheres). De início, o objetivo era responder um questionamento colocado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

pela professora Fabiene Gama<sup>2</sup>: “faz sentido olhar para as matérias de jornal e suas imagens para compreender como determinada forma de abordar o tema influencia as políticas?” Contudo, ao sistematizar o conjunto de elementos apresentados na sequência, optei por direcionar o olhar para as mobilizações coletivas em torno do tema. Assim, busquei notícias, reportagens, artigos, matérias e discussões em sites e redes sociais sobre o Essure e suas implicações, atentando para as imagens utilizadas - já que elas “permitem registrar aquilo que em palavras perde toda a sua intensidade e dramaticidade” (NOVAES, 2012, p. 21), ainda mais para este delicado tema de saúde.



Imagem 2: canal ABC Arizona, Estados Unidos

Disponível em:

<https://www.abc15.com/news/local-news/investigations/essure-birth-control-thousands-of-women-reporting-severe-medical-reactions-to-essure>

## A TESE

A partir de narrativas de mulheres com trajetória de rua, como as que seguem, passei a observar os diferentes modos pelos quais o tema da contracepção é mobilizado pelo poder público de acordo com marcadores sociais como raça e classe.

---

<sup>2</sup> Uma primeira versão deste artigo foi apresentada como trabalho final da disciplina Oficina de Etnografia, ministrada por Fabiene Gama, em 2020/1 no âmbito do PPGAS/UFRGS. Aproveito para agradecer a ela e aos colegas do curso pelas importantes contribuições nesta discussão e na pesquisa como um todo.

Sabrina, mulher em situação de rua, relatou ter tido seu bebê retirado no hospital sem nenhuma justificativa, alegou não ter assinado nenhum documento e que até aquele momento, passados quase 10 anos, não tinha notícias de onde estaria seu filho. Em entrevista realizada posteriormente, Sabrina afirmou ainda que suspeitava terem lhe “feito alguma coisa” durante o parto, visto que ela tem relações sexuais sem contracepção desde então e nunca engravidou. Ela acredita que possam ter realizado ligamento de trompas ou lhe colocado um DIU (dispositivo intrauterino) sem a sua autorização. [...] Silmara, gestante de cinco meses estava realizando o pré-natal quando sentiu fortes dores que resultaram em um aborto. Em sua narrativa, ela afirmou que quando do aborto observou junto à pele do bebê um DIU (dispositivo intrauterino), que ela não sabia da existência e que, segundo ela, havia sido o causador do aborto. Silmara suspeitava que o DIU provavelmente tivesse sido colocado no seu último parto, doze anos antes, quando era menor de idade, com a permissão de sua mãe. (SARMENTO, 2019, p. 184-185)

Sabrina<sup>3</sup> e Silmara são mulheres negras, com trajetória de rua e de gestação na adolescência. Além delas, é possível citar os casos de Janaina Quirino<sup>4</sup> de Mococa/SP, esterilizada contra sua vontade a partir de uma decisão judicial em 2018 e Andrielle Santos<sup>5</sup> de Florianópolis/SC submetida à laqueadura sem ser informada durante uma cesariana, como exemplos de impedimento da reprodução, realizados coercitivamente. Ao passo que tais práticas ocorrem de forma compulsória, mulheres (em sua maioria brancas, com curso superior) que voluntariamente buscam a laqueadura tubária, prevista na Lei de Planejamento Familiar (9.263/1996)<sup>6</sup>, encontram obstáculos para sua efetivação, conforme narrado em entrevista:

Desde criança eu soube que não queria ter filhos e por isso sempre me cuidei muito. Entendo a maternidade como uma prisão para as mulheres e nunca quis passar por isso [...]. O método preferencial que utilizo é a camisinha, em todas as relações, mesmo sendo casada há 10 anos. Antes desse meu marido, fui casada também quase 10 anos. E com os dois teve esse acordo: nada de filhos [...]. Mais ou menos com 30 anos comecei a procurar saber da laqueadura, li bastante, já tava envolvida com coletivos feministas e essa questão era uma pauta. Mas até hoje não consegui fazer, nem pelo SUS nem com convênio, **eles sempre dizem que vou me arrepender**. Eles simplesmente não aceitam que uma mulher não queira ter filhos, mesmo estando na lei [...]. Eles controlam o tempo todo nossos corpos. (Maria, 40 anos, professora, Salvador/BA)

---

<sup>3</sup> Os nomes são fictícios, numa tentativa de garantir o anonimato - exceto os das pessoas constantes em matérias da mídia.

<sup>4</sup> Algumas informações disponíveis em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/12/politica/1528827824\\_974196.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/12/politica/1528827824_974196.html). Acesso em: 12 ago. 2022.

<sup>5</sup> Algumas informações disponíveis em:

<https://catarinas.info/andrielli-e-submetida-a-laqueadura-sem-seu-consentimento/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19263.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm). Acesso em: 05 ago. 2022.

Não apenas intervenções permanentes, mas também modelos como DIU têm sua efetivação dificultada, sob justificativas muitas das vezes discordantes de consensos biomédicos estabelecidos, como relatado em entrevista:

Procurei o Posto de Saúde Modelo com objetivo de colocar o DIU. Li bastante a respeito e não queria mais usar hormônios, tava certa de que era o contraceptivo ideal para meu caso. Chegando lá, na consulta com a ginecologista, recebi informações completamente erradas da médica, que tentou a todo custo me convencer a não colocar o DIU: que eu era muito nova, que esse tipo de método não é indicado para quem não tem filhos, um absurdo atrás do outro! (Fernanda, 26 anos, doutoranda, Porto Alegre/RS)

Considerando tais narrativas e também o contexto de isolamento social devido à pandemia de Covid-19, passei a seguir diversas páginas e ingressei em vários grupos de redes sociais cujos objetivos têm a ver com autonomia reprodutiva. Acompanhando postagens e comentários nestes espaços, me deparei com um método de esterilização que até então desconhecia, o Essure.

## O ESSURE

De acordo com o guia encontrado em seu site, cuja fabricante é a Bayer, o Essure consiste em um procedimento de controle de natalidade permanente que atua no corpo “para criar uma barreira **natural** contra a gravidez”, visto que após a inserção, durante um período de cerca de três meses, um tecido se forma em torno das molas e este “acúmulo de tecido cria uma barreira que impede os espermatozóides de chegar aos óvulos e impede a concepção” (BAYER, 2018, p. 5, tradução e grifos meus). Considerado uma alternativa à laqueadura tubária, segundo Manual de Anticoncepção da Febrasgo (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia), o dispositivo consiste em uma técnica minimamente invasora, a ser realizada em consultório, com ou sem sedação. O tempo médio do procedimento de inserção seria de 20 a 30 minutos e se trata de um método contraceptivo irreversível. Este documento informa ainda que “as complicações são raras e incluem reação vagal, vômitos, sangramento vaginal, perfuração tubária e expulsão do dispositivo” (POLI et al., 2009, p. 480).



Imagem 3: Adriana Caldas dos Santos com o exame que mostra as molas do Essure

Autoria: AF Rodrigues/Agência Pública

Disponível em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/dispositivo-para-esterilizar-mulheres-fez-dezenas-de-vitimas-no-brasil/>

A descoberta do Essure nas redes sociais enquanto uma possibilidade contraceptiva se deu a partir de narrativas opositoras e bastante críticas deste artefato. Em busca de mais informações, encontrei grande número de notícias e reportagens nas quais milhares de mulheres brasileiras, dos Estados Unidos e de países da Europa denunciavam reações adversas que iam de dor crônica até perfuração do útero, passando por fadiga, perda de cabelo, sangramento vaginal, movimentos involuntários nas pernas, vômitos, alergia ao níquel, inchaço extremo, erupções cutâneas, cefaleia, agravamento em outros órgãos com a migração da mola, entre outras, além de questões psicológicas derivadas destas, como depressão<sup>7</sup>. A presidente da Associação de Mulheres Vítimas do Essure no Brasil, Kelli Luz, em audiência da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados realizada em 27 de novembro de 2020, afirmou: “Mulheres que hoje estão em cadeiras de rodas e não sabem por que estão perdendo o movimento das pernas. E os

---

<sup>7</sup> Conforme noticiado, entre outros, em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/795055-representante-de-vitimas-do-contraceptivo-essure-diz-que-brasileiras-foram-usadas-como-cobaias/> e

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/10/mesmo-com-decisao-judicial-mulheres-com-implante-anticoncepcional-da-bayer-nao-conseguem-retira-lo-pelo-sus.shtml>.

médicos não sabem. Mulheres que estão perdendo a libido, o cabelo, os movimentos... a vida. E ninguém prova que é ou que não é do Essure”<sup>8</sup>



Imagem 4: Mulheres que integram o grupo de WhatsApp “Vítimas do Essure”  
Autoria: AF Rodrigues/Agência Pública  
Disponível em:

<https://apublica.org/2018/11/dispositivo-da-bayer-que-prometia-esterilizar-mulheres-sem-cirurgia-fez-dezenas-de-vitimas-no-brasil/>

Desenvolvido pela Conceptus Inc. nos anos 1990 - que posteriormente foi comprada pela Bayer -, o dispositivo foi certificado em 2001 pela União Europeia e aprovado pela Food and Drug Administration (FDA), agência responsável por fiscalizar alimentos e medicamentos nos Estados Unidos, em 2002. No Brasil, foi autorizado pela Anvisa em 2009 - época que segundo denúncias das usuárias já vinha sendo questionado, devido às reações adversas, em vários outros países. Em 2017, foi proibido pois a detentora do registro no Brasil, COMMED, não teria enviado para a Anvisa respostas para alguns questionamentos. A Anvisa voltou a liberar o dispositivo após receber respostas da empresa, mas a própria Bayer pediu o cancelamento do registro logo em seguida (CÂMARA, 2020). Uma grande investigação jornalística promovida pelo International Consortium of Investigative Journalists (ICIJ), com participação da brasileira Pública<sup>9</sup> realizou levantamento sobre o Essure em diversos países apontando

---

<sup>8</sup> Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/711288-ministerio-deve-emitir-nota-tecnica-sobre-tratamento-de-problemas-com-contraceptivo-essure>. Acesso em: 05 ago. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em:

<https://apublica.org/2018/11/dispositivo-da-bayer-que-prometia-esterilizar-mulheres-sem-cirurgia-fez-dezenas-de-vitimas-no-brasil/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

questões que ajudam a compreender o desenvolvimento do caso e suas implicações. Trarei algumas delas na sequência para contextualizar o tema no Brasil.

Inicialmente, a importação e comercialização do dispositivo no Brasil eram de responsabilidade da Comercial Commed Produtos Hospitalares, entretanto, a partir de 2012, hospitais públicos de alguns estados passaram a oferecer o Essure para pacientes do SUS que buscavam métodos contraceptivos permanentes - segundo reportagem da Pública, cerca de 8 mil dispositivos foram vendidos a hospitais públicos no Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, Tocantins e Brasília, a um custo de cerca de R\$ 40 milhões para o Estado. Quando as reações começaram a aparecer em seus corpos, as mulheres não encontravam solução ao procurar atendimento médico, nem mesmo a confirmação de que aquele conjunto de sintomas seria de fato consequência do dispositivo. Desacreditadas, acusadas de fazer tempestade em copo d'água<sup>10</sup>, podemos nos perguntar “de quem é, afinal, o problema – dos doentes ou daqueles que não são capazes de compreendê-los?” (FERIANI, 2019, p. 31).



Imagem 5: Postagem do Twitter denunciando a migração da mola  
Disponível em: <https://twitter.com/libreessure/status/1213013706201849856/photo/1>

<sup>10</sup> Muitas mulheres tentam a retirada do Essure como forma de minimizar os efeitos em seus corpos. Segundo reportagem da Piauí, uma delas, Christiane, procurou um hospital em São Paulo onde realizou exames pelo plano de saúde e relatou a vontade de remover as molas, “mas a médica disse que não via necessidade. Que, se estava ali por conta de relatos de internet, o pessoal está fazendo muita tempestade em copo-d’água”. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/dispositivo-para-esterilizar-mulheres-fez-dezenas-de-vitimas-no-brasil/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

Ainda segundo reportagem da Pública, pesquisas apontaram que: mulheres que realizaram esterilização histeroscópica têm risco dez vezes maior de necessitar nova cirurgia em comparação às que realizaram a laqueadura por laparoscopia<sup>11</sup>; e contestam a qualidade das análises de informações pré e pós-comercialização do produto, além da divulgação de estudos sobre o Essure, que deveria ter sido mais “oportuna e transparente”<sup>12</sup>. Depois de uma série de críticas e processos judiciais nos mais diversos países, em 2017 a Bayer finalizou a comercialização do Essure - com exceção dos Estados Unidos, que ocorreu meses depois - sob argumentos de mudança na demanda pelo dispositivo e por razões comerciais. A farmacêutica afirmou que tal decisão não estava “relacionada com um problema de segurança, ou de qualidade do produto” e também que existia uma “publicidade enganosa e incorreta a respeito do dispositivo.” (ANJOS, 2018)

Nessa busca por resolver ou minimizar os efeitos do Essure em seus corpos, muitas mulheres se mobilizaram coletivamente, criaram grupos e associações na tentativa de que, não individualizando as denúncias, pudessem ganhar força. Reuniões, eventos, encontros e discussões são realizados até hoje nos contextos dos mais diversos países buscando soluções: a retirada do dispositivo (que não consiste em tarefa fácil, demandando por vezes judicialização), tratamento para os efeitos e até procura por reparação através de indenizações. Nessa tentativa de atenuar as reações adversas, mulheres de outros países afirmaram que médicos indicaram a colocação do DIU Mirena, fabricado pela Bayer, como recurso para lidar com os efeitos colaterais. Percebo, nas fotos em que as ativistas aparecem - não só as apresentadas neste artigo -, que além das emoções sentidas por elas, outras são induzidas para quem as vê, ou seja, as imagens despertam emoções espontâneas, mas também provocadas (em si e em outros) e além de serem corporificadas, visíveis (Gama, 2016, p. 117).

---

<sup>11</sup> Artigo de autoria de quatro pesquisadores da Universidade Cornell, em Nova York, divulgado em outubro de 2015 pela British Medical Journal, publicação científica britânica sobre medicina. Disponível em:

<https://apublica.org/2018/11/dispositivo-da-bayer-que-prometia-esterilizar-mulheres-sem-cirurgia-fez-dez-emas-de-vitimas-no-brasil/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

<sup>12</sup> Artigo de três pesquisadores da Universidade Yale publicado em setembro de 2015 na revista científica The New England Journal of Medicine. Disponível em: <https://apublica.org/2018/11/dispositivo-da-bayer-que-prometia-esterilizar-mulheres-sem-cirurgia-fez-dez-emas-de-vitimas-no-brasil/>. Acesso em: 12 ago. 2022.



PLATAFORMA ASOCIADA LIBRES DE ESSURE @li... · Dec 25, 2019 ...

Las instrucciones para #essure eran que SÓLO HISTEROCOPISTAS TITULADOS podrían implantar

Cuántos histeroscopistas titulados implantaban en España

👉 Dos essures en la misma trompas no parece muy profesional no?

@AEMPSGOB

@sanidadgob

#bayernomecuida

@OMC\_Espana

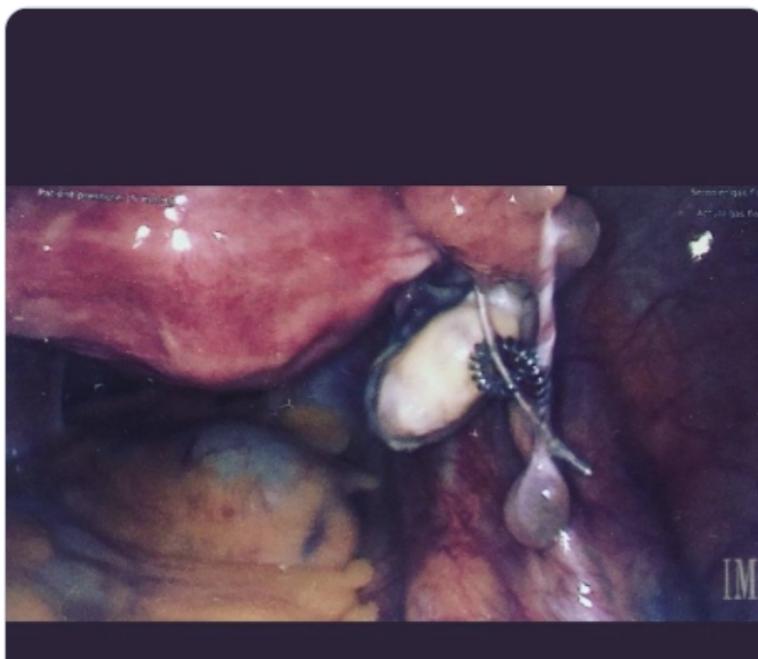


Imagem 6: Postagem do Twitter da Plataforma Libres de Essure (Espanha)  
Disponível em: <https://twitter.com/libreessure/status/1209935006501658624/photo/1>

As imagens encontradas nas notícias, matérias, reportagens e postagens acerca do Essure têm um caráter marcadamente de denúncia, muitas vezes estampando os rostos das mulheres que reclamam por justiça, esses rostos como verdadeiros porta-vozes (Deleuze e Guattari 1996, p. 43 apud Feriani, 2019, p. 27) dos males físicos e emocionais que as afetadas pelo dispositivo enfrentam. Mobilizadas na busca por publicizar os efeitos nocivos daquele que prometia ser um contraceptivo permanente, as mulheres expõem seus rostos - constituídos aqui como contextos de enunciação que definem/reivindicam suas posições de sujeitos (Feriani, 2019, p. 27) - também para reclamar obstáculos à saúde reprodutiva e ao direito ao planejamento familiar. Além dos rostos, as imagens que escolhi para compor este texto, exibem exames de ultrassonografia ou de raio-x - ou seja, imagens externas e internas do corpo; especialmente nos posts das redes sociais constam registros imagéticos do Essure realizados em ou após cirurgias, como que para provar a insegurança do artefato,

através de, por exemplo: migração para outros órgãos além das trompas até a constatação de duas molas do dispositivo implantadas em uma mesma trompa. Algumas dessas imagens são acompanhadas de legendas que questionam o profissionalismo médico e ainda marcam nas legendas perfis de órgãos estatais, conselhos e agências regulatórias.

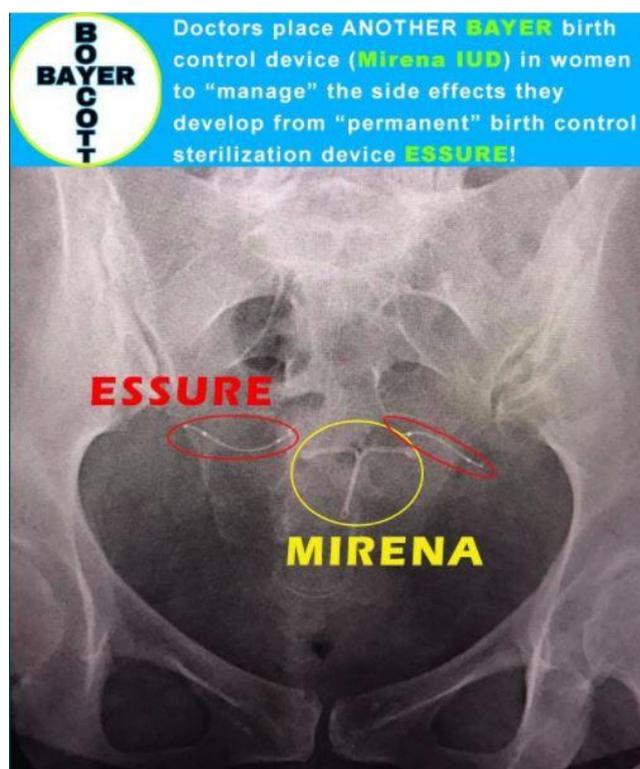


Imagem 7: Boicote à Bayer atribuída à Plataforma Libres de Essure (Espanha)  
Disponível em: <https://twitter.com/PersonalEscrito/status/1045050406966120448/photo/1>

A relevância de refletir com imagens junto ao texto reside na simultaneidade desse conjunto de elementos, já que utilizar apenas aquilo que é escrito permite enunciar somente uma palavra por vez (Novaes, 2014, p. 58), além do mais, para que o uso das imagens seja eficaz, é importante uma articulação entre as duas linguagens, escrita e visual, que só funcionam juntas se dialogarem entre si (Guran, 2000, p. 161-162). Uma interessante ferramenta que me fez acessar imagens variadas sobre o presente tema foi a hashtag: #bayernomecuida, em espanhol, possivelmente criada pela página citada nas imagens anteriores “Plataforma Libres de Essure” me direcionou para diversas postagens, sejam de grupos ou de perfis pessoais que promovem duras críticas à empresa farmacêutica não apenas com relação ao Essure mas também a alegações de câncer e outras doenças devido a agrotóxicos produzidos pela empresa, que comprou a

Monsanto em 2018<sup>13</sup>. Estas acusações geram contendas com indenizações na faixa dos bilhões de reais<sup>14</sup> e, na busca que realizei para este artigo, foi possível perceber marcadamente a palavra boicote nos posts das redes sociais que se opõem à Bayer. Um exemplo é da imagem 7, logo acima, que denuncia o uso de um dispositivo de controle de natalidade hormonal, o DIU Mirena prescrito para controle dos efeitos colaterais desenvolvidos pelo uso do Essure. Valendo-se de imagem de exame de radiografia, que mostra (e é evidenciado por marcações em vermelho e amarelo) as molas do Essure localizadas em ambas as trompas e o DIU no interior do útero: uma sobreposição de métodos contraceptivos em um único aparelho reprodutivo.



Imagem 8: Fotos dos alegados efeitos colaterais do Essure

Disponíveis na galeria da reportagem:

<https://www.abc15.com/news/local-news/investigations/essure-birth-control-thousands-of-women-reporting-severe-medical-reactions-to-essure>

Visto que alguém pode falar somente quando sua voz é ouvida (Kilomba, 2010, p. 178), no percurso para provar a gravidade dos efeitos colaterais do Essure, as ativistas brasileiras mobilizaram audiências públicas, agendas com órgãos (estatais ou não) e conselhos no sentido de denunciar e demandar solução e reparação. Todavia, conforme já mencionado, a própria presidente da Associação de Mulheres Vítimas do Essure no Brasil afirmou a incerteza de um diagnóstico que confirme a ligação dos sintomas ao dispositivo. Segundo as narrativas encontradas, as reclamações das mulheres não são consideradas, o que dificulta tanto o diagnóstico quanto possíveis tratamentos - a retirada das molas, por exemplo. Desse modo, “a prática médica poderia ser fortalecida pelas histórias das pacientes, que convivem diariamente com seus corpos, cuidados e

---

<sup>13</sup> Entre outros, ver aqui: <https://g1.globo.com/economia/noticia/bayer-conclui-a-compra-da-monsanto-por-us-63-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2022.

<sup>14</sup> Ver mais em: <https://apublica.org/2021/09/bayer-aposta-em-propaganda-positiva-apos-processos-por-agrotoxicos-e-contraceptivos/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

doenças” (GAMA, 2020, p. 205) e seria um importante ponto de convergência para essa problemática que ganha novos contornos a partir de denúncias de novas vítimas, mesmo terminada a comercialização do Essure.

## **FECHAMENTO - ou abertura para próximos caminhos**

A escrita deste texto oportunizou um duplo exercício: refletir sobre o uso de fotografias como um recurso estratégico que se pode aliar ao caderno de campo (Novaes, 2012, p. 13), algo que é novidade e um grande desafio para mim, e sistematizar informações sobre o caso Essure com vistas à incorporação de um novo campo da pesquisa, que se abre a partir do contato com esses grupos de ativistas, no Brasil e na Espanha.

Visto que os contraceptivos foram elaborados para controle e não para nosso direito - nós que nos apropriamos deles (Góes, 2021<sup>15</sup>) - , é constante a luta para garantia do direito sobre nossos corpos. Numa tentativa de assumir o protagonismo de suas histórias, as mulheres afetadas pelo Essure se mobilizam coletivamente pelo reconhecimento da insegurança do dispositivo e por reparação (financeira e de sua saúde). Através de imagens, que dizem sem dizer (Novaes, 2014, p. 61) e atuam como presença, e não como representação (Severi, 2009 apud Feriani, 2019, p. 40), corporificada de suas dores, busquei mostrar as narrativas dessas mulheres que reclamam por saúde (reprodutiva também) e contra uma gigante farmacêutica.

---

<sup>15</sup> Trecho da fala de Emanuelle Góes na Mesa Redonda 2 “Pandemia de COVID-19 e direitos sexuais e reprodutivos: quando o extraordinário destaca o ordinário”, da Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em setembro de 2021 de forma remota.



**PORQUE NUESTRA SALUD  
NO ESTÁ EN VENTA!!**

**LA PLATAFORMA LIBRES DE ESSURE CONVOCA:**

**ASAMBLEA INFORMATIVA PARA DAR A CONOCER LOS  
PROBLEMAS QUE EL ANTICONCEPTIVO ESSURE NOS  
HA PROVOCADO A MILES DE MUJERES!!**

**SÁBADO 29/09/2018 a las 17.00h**

Imagem 9: Cartaz chamamento para assembleia

Disponível em:

[https://www.eldiario.es/consumoclaro/vida\\_sexual/sanidad-trabaja-protocolo-retirar-essure\\_1\\_1924591.html](https://www.eldiario.es/consumoclaro/vida_sexual/sanidad-trabaja-protocolo-retirar-essure_1_1924591.html)

O dispositivo da Bayer surgiu como uma solução rápida e permanente para mulheres que pretendiam não ter ou não ter mais filhos, entretanto, se apresentou como um fator gerador de problemas de saúde para muitas das mulheres que optaram por ele, além de não ter resolvido a questão da contraceção. O Essure é mais um problema que se coloca para as mulheres em seu percurso reprodutivo: seja pela dificuldade de acesso (exemplos: diafragma<sup>16</sup> e DIU, conforme entrevista com Fernanda e narrativas acompanhadas em grupos de internet), impedimento por parte dos médicos (como a laqueadura tubária, os grupos acompanhados elaboram listas de médicos que a realizam em cada cidade, para facilitar a procura das interessadas) e o destaque dado aos métodos hormonais, privilegiados nas prescrições médicas, não só para contraceção, mas também pelos efeitos secundários desejáveis - redução da acne, tratar “problemas de humor”, dores de cabeça, etc. (Nucci, 2012) -, são práticas que colocam em xeque nossa autonomia reprodutiva.

O acompanhamento do caso Essure permite compreendê-lo como parte do “círculo vicioso” composto pela retirada de filhos de mulheres com trajetória de rua, no sentido de que determinados grupos estão sob constante ameaça quanto à continuidade

---

<sup>16</sup> De acordo com Lola Ferreira, o diafragma é o método que mais está em falta no Brasil, disponível apenas nas seguintes capitais: Manaus (AM), Brasília (DF), Vitória (ES), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Natal (RN), Florianópolis (SC), Palmas (TO), Campo Grande (MS) e Aracaju (SE). Disponível em: <https://www.generonumero.media/capitais-metodos-contraceptivos-sus-falha-diu/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

de existência. Práticas como as esterilizações compulsórias que compõem esse quadro e escondem noções de eugenia - já conhecidas na história recente, como as esterilizações em massa no Peru, nos Estados Unidos e no Brasil, que gerou a CPI de 1992 - se articulam em torno da impossibilidade de reprodução de corpos atravessados por raça e classe. Atualmente, muitas iniciativas (projetos de lei e alterações na Lei do Planejamento Familiar, por exemplo) de facilitação de acesso à contracepção permanente se valem de uma gramática de empoderamento feminino e de “livre escolha” da mulher na gerência de seu próprio corpo e podem resultar em ações de violação dos direitos reprodutivos que atualizam mecanismos de controle de natalidade altamente visibilizados décadas atrás e posteriormente questionados e combatidos.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Anna Beatriz. Dispositivo da Bayer que prometia esterilizar mulheres sem cirurgia fez dezenas de vítimas no Brasil. *Pública*. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/11/dispositivo-da-bayer-que-prometia-esterilizar-mulheres-sem-cirurgia-fez-dezenas-de-vitimas-no-brasil/>.

BAYER. Your complete guide to the Essure procedure. Disponível em: [https://labeling.bayerhealthcare.com/html/products/pi/essure\\_pib\\_en.pdf](https://labeling.bayerhealthcare.com/html/products/pi/essure_pib_en.pdf). Acesso em: 13 out. 2021.

BRANDÃO, Elaine Reis; PIMENTEL, Ana Cristina de Lima. Essure no Brasil: desvendando sentidos e usos sociais de um dispositivo biomédico que prometia esterilizar mulheres. *Saúde e Sociedade* [online]. 2020, v. 29, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/wdTcrNsYr9PFbncXwFJYZ7S/?lang=pt#>. Acesso em: 15 out. 2021.

CÂMARA. 2020. <https://www.camara.leg.br/noticias/711288-ministerio-deve-emitir-nota-tecnica-sobre-tratamento-de-problemas-com-contraceptivo-essure>

FERIANI, Daniela. Da alucinação na clínica ao ver alucinatório da imagem. GIS - Gesto, Imagem e Som - *Revista de Antropologia*, v. 4, p. 14-49, 2019.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, p. 188-208, 2020.

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (Online), v. 15, p. 116-130, 2016.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 10(1), p.155-65, 2000.

KILOMBA, Grada. A Máscara. Traduzido por Jéssica Oliveira de Jesus. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, p. 171-180, 2010.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia, *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], v. 3, n. 2, 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia. *Iluminuras*, Porto Alegre, v.13, n.13, p.11-29, jul./dez., 2012.

NUCCI, Marina. Seria a pílula anticoncepcional uma droga de “estilo de vida”? Ensaio sobre o atual processo de medicalização da sexualidade. *Sexualidade, Salud e Sociedad*, n. 10, 2012, p. 124-139.

POLI, M. E. H. et al. Manual de anticoncepção da Febrasgo. *Femina*, São Paulo, v. 37, n. 9, p. 459-482, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4232752/mod\\_resource/content/1/Femina-v37n9\\_Editorial.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4232752/mod_resource/content/1/Femina-v37n9_Editorial.pdf).

SARMENTO, C. S. O gênero e a rua: reflexões a partir de uma pesquisa militante com mulheres em situação de rua. In: STUCKER, P.; CELMER, E.; PASSOS, A. (orgs.). *Vidas críticas: gênero, sexualidades, violências e justiça*. Porto Alegre: Mikelis, 2019.